

O machado vermelho

Eu nunca gostei de “velar” casais apaixonados. Todavia, naquelas férias de julho daquele ano eu não tinha escolhas. Antônio, meu melhor amigo, convidou-me para passar um fim de semana no sítio que ele possuía no interior de Minas Gerais. Além de nós dois, também iriam para o sítio Vera, namorada de Antônio, e um casal de amigos do anfitrião. Como eu não estava namorando, sabia exatamente que papel iria desempenhar: ficaria sempre atrapalhando as conversas dos dois casais, como uma autêntica “vela”. Recusei o convite de Antônio uma vez e esclareci o motivo de minha recusa, mas meu amigo deixou bastante claro que não aceitaria uma resposta negativa de minha parte.

Assim sendo, viajei com ele e Vera para o sítio, na tarde de sexta-feira. Ela era uma mulher muito bonita e de conversa agradável, o que tornou nossa jornada de cerca de uma hora bastante divertida. Antônio sorria o tempo todo, e eu podia notar claramente o quanto ele amava Vera.

Eu sentia-me particularmente feliz por ele, já que havíamos crescido juntos, compartilhando bons e maus momentos. E Antônio, em especial, havia passado por situações tristes no que se referia a relacionamentos amorosos. A última namorada o havia traído durante meses antes que ele descobrisse tudo da pior maneira possível: encontrando ela e o amante transando dentro da casa de Antônio, em plena segunda-feira. Meu amigo passou por um longo período de reclusão social, recusando-se a sair de casa para qualquer outro fim que não fosse trabalho. Até que Vera apareceu. Antônio era um arquiteto bastante conhecido na cidade que vivíamos e, ao visitar uma loja de materiais de construção, encontrou Vera, que trabalhava na loja. Alguns telefonemas e encontros bastaram para que os dois se apaixonassem e começassem a namorar.

Chegamos ao sítio de Antônio ao cair da tarde. O sol se punha vagorosamente no horizonte e um vento frio soprava. Descemos do carro e levamos nossas bagagens para dentro da casa. Era uma aconchegante

construção de dois andares, relativamente grande. Na parte inferior, uma grande sala de estar com uma bela lareira e várias peças de decoração de muito bom gosto, obviamente escolhidas por Antônio. Uma porta localizada no canto da sala levava para um pequeno corredor onde se encontrava a escada que dava acesso ao segundo andar da casa.

Uma segunda porta com o dobro de comprimento da primeira dava acesso à ampla cozinha da casa. Um antigo fogão de lenha estava postado num dos cantos do recinto e uma grande mesa com oito lugares figurava no centro do cômodo. Geladeira, armários e outros itens comuns a uma cozinha estavam elegantemente dispostos pelo recinto. Uma porta levava para o banheiro e outra para fora da casa. O local era realmente acolhedor e certamente proporcionaria uma estada bastante agradável, principalmente para aqueles que estivessem acompanhados das namoradas.

— Quem mantém tudo tão limpo e organizado assim, Antônio? — perguntei, notando que não havia poeira sobre os móveis, muito menos no chão.

— Dona Maria é a responsável por manter tudo organizado e limpo. — respondeu Antônio. — Ela mora num povoado bem perto daqui e arruma a casa todas as segundas-feiras. É uma ótima pessoa e excelente cozinheira. Adriano, o filho dela, é meu caseiro e vigia a propriedade para mim. Ele mora naquela casinha ali adiante.

Antônio apontou para a enorme janela que ocupava praticamente toda uma parede da cozinha, onde ficavam uma mesa de madeira e uma grande pia. Através do vidro notei uma pequena casa feita de madeira. A humilde residência parecia estar trancada.

— Adriano sabia que viríamos, deve estar cortando lenha. — comentou Antônio. — Vamos, amigo, acomode-se. Há três quartos no andar de cima. O primeiro logo após a escada é o seu. O banheiro fica na porta ao final do corredor.

Deixei Antônio e Vera se abraçando na cozinha e subi para o segundo andar. Entrei na primeira porta, como me fora indicado. O quarto era bastante acolhedor, com uma inútil mas confortável cama de casal ao

centro, um armário de duas portas e uma mesa com duas cadeiras ao canto. Uma janela me permitiu ver os últimos raios do sol agonizando no horizonte.

Coloquei minhas coisas no armário e caminhei até a janela. O sol se fôra e a escuridão começava a cercar a casa por todos os lados. No meio da meia-luz que escurecia gradativamente, pude notar um vulto caminhando. Ele saíra dentre as árvores que ficavam próximas à casa. Era um vulto masculino e carregava um machado vermelho na mão direita, enquanto a esquerda erguia-se por sobre o ombro, segurando um volume considerável de madeira. Fiquei um pouco apreensivo ao ver tal figura se dirigindo para onde estávamos, mas escutei então a voz de Antônio chamando o vulto e descobri que se tratava de Adriano, o caseiro. Aliviado, deitei-me na macia cama e adormeci.

Quando despertei, percebi que a noite já avançava. Olhando pela janela vi que tudo era breu ao redor da casa. Escutei vozes animadas conversando no andar de baixo e resolvi descer. A lareira da sala de estar estava acesa e iluminava o ambiente, deixando ainda mais acolhedor. A porta que levava para a cozinha estava quase completamente fechada, a não ser por uma pequena fresta da qual saíam um feixe de luz e as vozes festivas. Abri a porta e me deparei com Antônio, Vera e um casal. Estavam sentados à mesa, jantando. Ao perceberem minha chegada, todos olharam para mim e sorriram. Antônio me apresentou:

— Doutor Carlos, senhorita Amanda, este é meu amigo Clayton Araújo. — falou. — Clayton, este é o Desembargador Carlos Heuffman e namorada, senhorita Amanda Palhares.

Eles se levantaram de seus lugares e eu os cumprimentei respeitosamente. Carlos era um homem já com seus sessenta anos de idade, um pouco obeso, com alguma calvície na parte frontal da cabeça. Amanda não devia ter mais do que vinte e dois, era loira, com olhos infinitamente azuis e dona de um rosto belíssimo. Enquanto ele vestia uma jaqueta esportiva usada por técnicos de futebol e largas calças de moletom, ela usava uma blusa bastante decotada, o suficiente para expor os contornos dos belos seios, e uma apertada calça jeans. Quando entrei na sala de jantar

imaginei que Carlos e ela eram pai e filha, e, confesso, fiquei surpreso ao saber que eram na verdade, namorado e namorada.

— A cabeceira da mesa está reservada para você, Clayton. — falou Antônio, me apontando o lugar vago e sorrindo cordialmente. — Hoje tudo corre por sua conta.

Sorri de volta para o anfitrião e tomei o lugar que me fora indicado. Vera estava do meu lado esquerdo e a tentadora Amanda no lado direito. Enquanto conversava com todos, eu me esforçava para não olhar para os atraentes seios da namorada do desembargador Heuffman, especialmente quando esta se debruçava na minha direção para contar alguma anedota infantil ou simplesmente fazer um comentário inexpressivo. Eu também evitava olhá-la diretamente nos olhos, pois nas vezes anteriores que o fizera pude notar um ar de luxúria estampado neles.

Após um lauto jantar, preparado por Antônio e Vera, nos dirigimos para a sala de estar. O anfitrião abriu um garrafão de vinho e nos sentamos nos sofás que se encontravam ao redor da lareira. Sentei-me estrategicamente afastado da senhorita Amanda, preferindo ocupar um sofá de um só lugar ao lado de onde Antônio e Vera estavam sentado. Peguei minha taça de vinho e recostei-me na cadeira, de modo que não pudesse ver nem ser visto por Amanda.

À medida que o nível do vinho descia no garrafão colocado na mesinha de centro, o volume da conversa aumentava e o nível desta caía. Se o assunto inicial fora Arquitetura e Direito, naquele instante discutíamos coisas banais, de telenovelas a futebol. Pude então confirmar minhas primeiras impressões sobre a senhorita Amanda. Os comentários feitos por ela na sala de estar, assim como aqueles feitos na cozinha, careciam de conteúdo, eram vazios, fúteis. Metaforicamente falando, ela era como um quintal vazio e abandonado cercado por um belo muro. E comparar seus dizeres com os da outra mulher que nos acompanhava era uma autêntica covardia. Vera não era uma mulher feia, pelo contrário, tinha um charme peculiar, mas não era tão sensual e fisicamente atraente quanto Amanda. Entretanto, sua inteligência e simpatia eram capazes de cativar qualquer

homem de bom-gosto. Talvez eu estivesse sendo preconceituoso quanto a Amanda, mas me parecia claramente que “namoro” dela com o desembargador era mera questão de interesses. De ambos os lados.

Em certo ponto, a conversa rumou para as piadas, como sempre acontece. O desembargador já ressonava no sofá, com a cabeça jogada para trás e a boca aberta. Vera, já apresentando sinais da sonolência habitualmente causada pelo vinho, estava recostada no ombro de Antônio. Eu estava relativamente sóbrio e me limitava a escutar as anedotas, algumas bem vulgares, contadas pelo anfitrião e pela namorada do senhora Heuffman.

— Onde está o Adriano, Antônio? — perguntou Amanda, subitamente. — Ele nos contou piadas tão engraçadas nas duas vezes que estivemos aqui...

— Adriano irá passar a noite com a mãe, minha querida Amanda. — respondeu Antônio. — Eu concedi uma folga para ele, já que estaríamos aqui para vigiar a casa. Mas não se preocupe, ele estará conosco amanhã.

A conversa se estendeu por mais meia-hora, até que Amanda pediu que Antônio e eu levássemos o desembargador Heuffman para a cama. Com muito esforço conseguimos fazer com o que o adiposo senhor se levantasse e caminhasse como um zumbi escada acima. Deixamos ressonando profundamente. Eu resolvi não descer novamente para a sala de estar e me dirigi para meu quarto. O sono e o vinho estavam me afetando e fui dormir. Meu relógio indicava que haviam se passado uma hora e quinze minutos desde a meia-noite.

Despertei por causa de um sonho ruim. Eu caía num profundo abismo e, quando atingi o fundo deste, acordei. Olhei para o relógio e vi que já eram mais três horas da madrugada. Fiquei algum tempo com os olhos fechados, esperando a sonolência voltar. Mas como o céu estava completamente limpo e a lua brilhava com imponência, iluminando todo o recinto, passei a olhar os reflexos da luz que atingia as paredes do cômodo. Todavia, enquanto tentava adormecer novamente, ouvi leves passos diante da minha porta. Eles prosseguiram e desceram a escada sorratamente.

Não me importei muito com aqueles ruídos, pois certamente eram alguém indo até a cozinha em busca de um remédio para aliviar os já conhecidos efeitos da bebedeira. Continuei estirado na cama, tentando pegar no sono, quando ouvi um barulho de uma porta se abrindo no andar de baixo. Como o quarto onde eu estava acomodado ficava exatamente acima da cozinha, julguei que alguém estava tentando entrar ou sair da casa. Levantei-me rapidamente e corri até a janela para averiguar o que estava acontecendo na parte inferior da residência de campo. Todo o ambiente em volta desta estava vastamente iluminado pelos raios lunares, o que me possibilitou distinguir de maneira muito clara a figura da jovem Amanda caminhando em direção ao casebre onde Adriano morava. Ela trajava apenas uma camisola semi-transparente, que esvoaçava ao sabor da leve brisa noturna e lhe revelava todas as sensuais curvas do belo corpo. Acompanhei atentamente todo o trajeto de Amanda até que ela abriu a porta do casebre e desapareceu atrás desta.

Voltei para a cama, não tão surpreso como deveria. Os olhares e o comportamento um tanto quanto “liberal” da jovem, juntamente com a aparência física incompatível e a pouca disposição que o desembargador mostrara durante toda a noite de certo modo haviam me induzido a imaginar uma cena semelhante àquela que acabara de presenciar.

Acordei com o sol batendo forte em meu rosto. Abri os olhos e nada enxerguei nos primeiros momentos, com a visão completamente queimada pela luz que inundava o quarto. Dirigi-me para um canto onde a luz não incidia diretamente e lá esperei até meus olhos se acostumarem com a claridade excessiva. Já se passava das dez horas da manhã, mas a casa estava imersa num completo silêncio. Saí do quarto e encontrei o corredor vazio e ainda escuro. A janela que o iluminava estava coberta por cortinas. Desci para o térreo e encontrei a sala de estar também mergulhada na escuridão proporcionada pelas grossas cortinas instaladas pelo meu amigo arquiteto. O único feixe de luz vinha da cozinha, através de uma fresta no portal que conduzia até aquele cômodo.

Abri cuidadosamente o portal e entrei na cozinha. Com os olhos ainda um pouco ofuscados pela intensa claridade do recinto, pude perceber que ali estavam duas pessoas.

A primeira era uma mulher de idade, de estatura baixa e aparência humilde. Usava um longo vestido de tecido comum que lhe descia até os pés, além de um lenço de pano amarrado em volta da cabeça. A face, já bastante marcada pelas rugas, me indicavam que ela já havia passado dos sessenta anos, provavelmente sofridos. Entretanto, ao me ver, ela sorriu maternalmente.

— Você deve ser o senhor Clayton. O doutor Antônio me falou do senhor.

Balancei a cabeça positivamente e fui abraçado efusivamente pela idosa senhora.

— A senhora deve ser a dona Maria, eu presumo. — falei, ainda surpreso com o abraço recebido.

— Sim, meu filho. Sou eu. E este aqui é meu filhinho Adriano. — disse dona Maria, apontando para o jovem que estava recostado à janela da cozinha, olhando para a paisagem exterior.

— Prazer em conhecê-lo, Adriano. — falei, estendendo meu braço na direção do jovem. — Meu nome é Clayton.

O filho de dona Maria estava de costas para mim e só se virou quando eu falei meu nome. Era um jovem que aparentava ter pouco mais de vinte anos de idade. Era bem mais alto que eu, com provavelmente mais de um metro e noventa de altura. Os braços eram fortes e musculosos, como o resto do corpo, que era desenhado com impressionante precisão pela camiseta branca que se colava ao corpo dele. Certamente os músculos eram fruto do trabalho pesado que Adriano prestava no sítio de Antônio.

Todavia, a altura e a força do jovem não eram suas características mais marcantes. Ele possuía cabelos loiros que desciam lisos até à altura dos ombros e olhos incrivelmente azuis, como poucas vezes eu vira. O rosto possuía proporções que pareciam ter sido obras de um artista grego clássico e os dentes eram imaculadamente brancos. Eu nunca me julgara um homem

lindo, assim como Antônio também não o era. Mas eu e meu amigo arquiteto não podíamos também ser classificados como feios. Tínhamos nossos charmes peculiares que nos tornavam atraentes. Entretanto, a beleza de Adriano era brutal, “mal-educada”. Ao me colocar me na frente dele e cumprimentá-lo, tive a impressão de estar conhecendo uma versão aperfeiçoada do galã americano Brad Pitt.

— Prazer, Adriano. — disse ele, secamente.

O filho de dona Maria virou-se de costas novamente e ficou encostado na grande janela da cozinha, olhando para fora. Eu, por minha vez, me sentei à mesa e me servi do farto café que havia sido colocado sobre esta. A cozinheira retornou para o fogão e o silêncio se fez no cômodo. Com os olhos voltados unicamente para a mesa, devorei alguns pãezinhos acompanhados de dois grandes copos com leite. Quando terminei, nenhum outro hóspede havia se levantado da cama. Obviamente, os casais estavam mais do que se recuperando da bebedeira da noite anterior. Como não possuía companhia humana, resolvi fazer algo que não fosse dormir. Com uma cópia de “Histórias Extraordinárias” de Edgar Allan Poe debaixo do braço, procurei um bom local, ao ar livre, para me dedicar à leitura. Sentei-me debaixo de uma goiabeira e comecei a ler o conto intitulado “O gato preto”.

Provavelmente o sono me dominou rapidamente assim que comecei a leitura, pois acordei debruçado sobre o livro, ouvindo a voz de Antônio me chamar:

— Clayton, o almoço está servido!

Olhei para o céu e percebi que este estava bastante nublado, com nuvens carregadas indicando que uma chuva estava prestes a cair. Levantei-me e dirigi-me até a porta da cozinha. Todos os hóspedes já estavam devidamente sentados à mesa: meu lugar à cabeceira estava livre; à direita, Vera e Antônio; à esquerda, Adriano, Amanda e o desembargador Heuffman. Apenas dona Maria, que continuava a colocar as mais diversas guloseimas sobre à mesa, estava de pé. Todos, com exceção de Adriano, sorriram ao me ver e me convidaram a tomar o local que me fora designado na noite anterior. Assenti ao convite e sentei-me.

Os assuntos que ocorreram durante o almoço eram os triviais: trabalho, fofocas locais ou da televisão, piadas. E Adriano se revelou um ótimo contador de anedotas. Porém, as piadas que ele contava eram todas de conteúdo extremamente vulgar e de humor demasadamente baixo, o que me fez notar que o belo rapaz não tinha um grau de instrução muito avançado. É, ninguém é perfeito. Palavrões “cabeludos” e expressões de muito mal gosto para um ambiente como aquele em que estávamos. Porém, se eu, Vera e Antônio estávamos nos sentindo um pouco incomodados com as piadas de baixo calão do caseiro, o desembargador e sua “namorada” pareciam estar adorando. Carlos gargalhava alto e ininterruptamente, enquanto Amanda batia as mãos na mesa. E, ao fim de cada anedota, pediam a Adriano que contasse outra.

Foi ao fim de uma destas anedotas que pude notar algo que reforçava minhas suspeitas: enquanto o desembargador se acabava em gargalhadas, a jovem levou a mão direita ao colo do caseiro, acariciando-lhe de maneira lânguida. Tal ato se repetiu por mais duas ou três vezes, o que me causou certo desconforto e me forçou a deixar a mesa.

— Clayton, eu e o desembargador Heuffman vamos pescar num lago próximo daqui agora a tarde. Não gostaria de nos acompanhar? — perguntou Antônio, enquanto eu colocava meu prato na pia.

— Não, Antônio, obrigado. — recusei. — Acho que vou dormir mais um pouco.

— Tudo bem, amigo. Caso mude de idéia, basta perguntar ao Adriano onde fica o lago. — disse o dono da casa. — É cerca de vinte minutos daqui, a pé. Ficaremos por lá até o cair da tarde.

Meneei a cabeça positivamente, pedi licença a todos e retornei para o andar de cima. Estava cada vez mais convencido de que a bela Amanda e Adriano estavam fazendo muito mais para se divertir do que simplesmente contar piadas. Era óbvio para mim que um jovem muito bem aparentado, como era o caseiro, atrairia a atenção e o desejo de uma jovem vazia como a namorada do Dr. Carlos Heuffman bem mais que qualquer outro homem ali presente. Tudo parecia muito claro para mim: Amanda estava com o gordo

desembargador por causa da influência e poder deste; Carlos Heuffman, por sua vez, usava sua influência e poder para conseguir uma garota sensual como Amanda; e Adriano, jovem e belo, mas sem qualquer influência ou poder, satisfazia os desejos carnis da bela jovem.

Desisti de pensar em tudo aquilo e recomecei a ler “O gato preto”. O céu estava muito escuro, mas a chuva ainda não havia caído. A temperatura baixara um pouco, o que me forçou a fechar a janela e me cobrir com um lençol. Talvez eu não aguentaria chegar até o final do conto sem cair no sono novamente, mas insisti na leitura.

A chuva finalmente caiu. Era fina e agradável. Os pingos minúsculos escorriam pelo vidro da janela do quarto e eu prosseguia a leitura. Até que, de súbito, ouvi ruído de passos e sussurros no corredor. A princípio, pude distinguir as vozes de Amanda e Vera. Certamente estavam retornando para os quartos com o objetivo de descansarem um pouco mais. Como Carlos e Antônio tinham ido pescar, ambas estavam sem companhia. Tenho de confessar que senti vontade de deixar minha leitura e ir até o quarto de Vera, para conversarmos um pouco. Ponderei um pouco mais sobre o assunto e decidi permanecer onde estava.

No conto de Poe, o marido havia acabado de matar a própria mulher com um golpe de machado. Eu construía mentalmente aquela imagem macabra quando ouvi risos vindo do final do corredor. A voz que os emitira era a de Amanda. Pouco depois, foi a vez de ouvir Vera gaguejar. Não eram gritos muito altos os sons que elas faziam, mas podiam ser ouvidos por mim devido ao silêncio em que se encontrava a casa. Imaginei que as duas mulheres estavam trocando confidências femininas e se divertindo com aquilo. Retomei, então, minha leitura. Os risos também continuaram, até que se transformaram em *gemidos*. *Gemidos de prazer*. Foi somente naquele instante que percebi que havia uma terceira voz. Era uma voz masculina.

Demorou-me pouco tempo para perceber que o dono da voz masculina era ninguém mais que Adriano. Aproveitando que tanto Antônio quanto o doutor Carlos estavam ausentes, o caseiro subiu as escadas e agora se deliciava com as mulheres de ambos. Um sentimento de profunda decepção

se abateu sobre mim, no que diz respeito ao comportamento inesperado de Vera. Eu não duvidava que a sensual Amanda traísse o desembargador, pelo fato deste ser bem mais velho que ela. Mas Antônio e Vera tinham idades compatíveis e, no fim das contas, meu amigo não era um homem que pudesse ser considerado “feio”. Não era, tenho de admitir, tão belo quanto o caseiro, mas também não era um horror. Mas eu podia ouvir claramente a voz de Vera emitindo gemidos de luxúria e tudo o que eu admirava nela se partiu como uma fina taça de cristal que despenca do alto de uma prateleira. A inteligência, a simpatia e a beleza que eu tanto apreciava foram encobertas completamente, soterradas pela falta de caráter e de consideração para com meu amigo. A princípio, senti uma enorme vontade de vomitar; depois, queria entrar no quarto onde a orgia estava acontecendo e despejar toda a minha indignação sobre aqueles três. No entanto, nada fiz. Permaneci no meu quarto, perplexo.

O volume dos gemidos aumentou e o característico ranger de uma cama que está sendo usada para a prática do coito chegou aos meus ouvidos. Aqueles sons que outrora talvez me causassem desejo, agora me causavam nojo. Cada grito agudo emitido por Vera, cada gemido lascivo de Amanda ou cada som gutural expelido por Adriano enchiam-me de desprezo, me davam náuseas. Do que adiantaram vinte e um séculos de evolução humana? Do que adiantou nosso desenvolvimento científico e tecnológico ao longo dos tempos se, bem próximo a mim, três *homo sapiens* modernos agiam como lobos no cio, deixando que o instinto sobrepujasse a razão e a moral?

Subitamente, ouvi mais passos subindo as escadas. O desembargador Carlos Heuffman e Antônio conversavam. Procurei meu relógio e vi que eram apenas três horas da tarde. Os dois homens haviam retornado mais cedo da pescaria. Os gemidos continuavam. Certamente, os três participantes da orgia não estavam preocupados em ouvir o que acontecia do lado de fora do quarto, pelo menos naquele horário. Acreditavam que os dois traídos só retornariam depois das seis horas.